

**ENTREVISTA EURODEPUTADA**

# “Portugal não pode estar à ordem dos poderosos”

**A eurodeputada do PS fala dos ciganos em França, da instabilidade política em Portugal e da necessidade do País se impor face às grandes potências da UE**

■ **Ana Gomes.** A socialista falou à Focus da falta de coordenação entre o Parlamento Nacional e os eurodeputados portugueses e rejeita a ideia de Portugal ter de estar à mercê de receitas neoliberais. A eurodeputada acredita que Portugal tem força para se impor face às grandes potências europeias, mas que é necessário ter coragem. Ana Gomes diz que o PS deve estar aberto a negociar o Orçamento do Estado com todos os partidos e não deve ter preconceitos em levar a cabo entendimentos com o Bloco de Esquerda ou com o PCP.

**Focus – Criticou as “ordens vindas de cima” na votação da condenação à França pela expulsão dos ciganos. Como interpretou a votação?**

**Ana Gomes –** Com tristeza. Por um lado, pela descoordenação que o PS revelou em relação à actuação dos seus deputados no Parlamento Europeu, mas sobretudo pela posição que tomou em relação à questão de fundo: não querer tomar posição. É uma questão fundamental, que tem a ver com esta Europa que estamos a construir e que não pode ser uma Europa que esqueça os valores fundamentais: a igualdade dos cidadãos perante a lei, a liberdade de circulação, o respeito por direitos humanos fundamentais e o direito de não ser discriminado com ►


**ANA GOMES**



## ENTREVISTA EURODEPUTADA



### PERFIL

#### ANA GOMES 56 ANOS

- Eurodeputada socialista desde 2004.
- Vereadora sem pelouro da Câmara Municipal de Sintra.
- Licenciada em Direito pela Universidade Clássica de Lisboa.
- Consultora diplomática do Presidente da República general Ramalho Eanes (1982-86).

► base na etnia. Nessa altura, estava já claro que havia uma discriminação com laivos racistas por oportunismo do Governo de Sar-kozy e com contornos gravíssimos. Isto é inaceitável e completamente incompatível com a Carta dos Direitos Fundamentais, que está inserida no Tratado de Lisboa. Com a crise há cada vez mais tentações xenófobas que fazem ressuscitar os piores instintos que os europeus sabem que têm e que nos levou a criar a Europa e essas regras. Regras que agora estão a ser violadas.

#### Focus – Há falta de coordenação dos deputados nacionais com os deputados europeus?

**A.G.** – Há uma deficiência de articulação entre os deputados no Parlamento nacional e o europeu. É grave quando estamos a viver uma crise a nível nacional, claramente dependente de uma crise mais global, e não se leva em conta os deputados europeus. Deveria haver uma estratégia de concertação a nível europeu que se batesse por medidas que vão ao encontro das necessidades do País. Um dos graves problemas desta crise é o dos desequilíbrios macroeconómicos entre os vários países da União Europeia e enquanto isso não for assumido como um problema, de forma a reduzir o fosso de uma Alemanha que nos últimos 20 anos pagou a integração da Alemanha de Leste à custa de todos os europeus, que hoje está já em franca recuperação económica, que tem *survived* à conta das suas exportações e de todos nós que temos défices. Não aceito que se imponham a Portugal as mesmas regras que se impõem à Alemanha.

#### Focus – A crise demonstrou o egoísmo das grandes potências europeias?

**A.G.** – Há uma atitude de egoísmo por parte dos alemães. Se se apresenta a súbita aflição com o cumprimento do défice, os submarinos são uma aquisição que o Estado português fez a empresas alemãs que estão a ser investigadas por práticas corruptas, absolutamente violadoras da legislação europeia, designadamente em termos de concorrência. Não é aceitável que Portugal coma e cale. Não é aceitável que nos imponham um agravamento do défice à conta dos submarinos.

#### Focus – Portugal tem força para se impor?

**A.G.** – Tem toda a força, é preciso é ter coragem e capacidade para o fazer. Não podemos estar às ordens dos poderosos. Sem dúvida que a Alemanha teve um papel-chave na Europa, mas teve também um papel na crise. Não podemos aceitar estas receitas macroeconómicas que não só não curam o paciente como correm o risco de o matar. Se continuarem a serem impostas de forma cega é isso que irá acontecer.

#### Focus – Mas o Governo também não foi lento a reagir?

**A.G.** – Imagino que haja grandes dilemas: por um lado ninguém saberia como as coisas iriam evoluir. Tudo o que é dito pelo Governo e a oposição está a ser lido pelos mercados. Admito que houvesse hesitações, mas penso que estamos numa fase crucial.

#### Focus – Concorda com as medidas de austeridade, tendo em conta as carências económicas já existentes e a elevada taxa de desemprego?

**A.G.** – Os portugueses estão preparados para fazer sacrifícios, sabem que a austeridade é inevitável e que esta crise é também uma oportunidade para corrigir as políticas consumistas e as derivas perdulárias em que Estado, família e bancos estavam envolvidos. É essencial que quem recebe mais, pague mais e não podem ser aqueles que estão hoje mais vulneráveis a ser os tentáculos da recuperação. Sabemos que há muito para cortar...

#### Focus – Sente-se mais à esquerda que este PS?

**A.G.** – Há pessoas tão à esquerda como eu no PS e há gente muito mais à direita, sem dúvida. Nos últimos anos, não só no PS, mas a nível global, a família socialista foi contaminada pelas teses neoliberais que prevaleceram nas últimas décadas e que explicam este descontrolo na governação económica, na supervisão financeira que desembocou nesta crise. Os socialistas devem pôr a mão na consciência e fazer o nosso *mea culpa*.



## "Nos últimos anos, a família socialista foi contaminada pelas teses neoliberais"

**"Não é aceitável que Portugal coma e cale no que diz respeito à aquisição dos submarinos a empresas alemãs que estão a ser investigadas por corrupção"**

Há quem seja mais relutante em assumir que fizemos erros, que nos deixámos contaminar pelas teses neoliberais e pelos mecanismos mais perversos, designadamente ao nível da corrupção e da sujeição à banca. Essa é uma das explicações para a falta de comando da política sobre a economia. A economia tem de estar ao serviço da sociedade.

**Focus – Estando a maior parte do tempo em Bruxelas, como vê a dramatização de PS e PSD relativamente ao Orçamento de Estado?**

**A.G.** – Com preocupação. Sabemos, infelizmente, que vivemos numa era em que a governação económica é fraca, ou quase inexistente, a nível europeu e em que as governações nacionais – principalmente de países mais vulneráveis como Portugal – são também fracas, sobretudo face a esses movimentos mais ou menos racionais (muitas vezes irracionais) dos mercados financeiros, que como qualquer mercado não se regula a si próprio e precisa de ser regulado. É para isso que serve a política. Mas tem havido aqui uma demissão e uma incapacidade da política a todos os níveis. A nossa economia está à mercê da imagem que projecta no exterior: mais do que os dados concretos do nosso incumprimento relativamente ao défice e aos juros da dívida soberana, é esta falta de convergência permanente. Na aprovação do PEC II, graças ao entendimento entre PS e PSD, houve um impacto positivo no exterior. Agora estamos novamente numa fase de guerrilha.

**Focus – E se o primeiro-ministro não ceder?**

**A.G.** – Não me passa pela cabeça que José Sócrates não esteja disponível para negociar e discutir com todos. O PS não tem de ter complexos em negociar com as forças de esquerda. Há propostas que o Bloco de Esquerda (BE) faz com as quais eu concordo e o PS estaria a cometer um erro se as rejeitasse só por serem do BE. Isso é infantil.

**Focus – Mas os votos do BE não chegam para fazer passar o Orçamento...**

**A.G.** – O PS tem de estar aberto a negociar com todos. Venham as propostas inteligentes e razoáveis e que se façam as emendas que se justifiquem face a essa negociação. É isso que espero do PS. Cada dia que passa nesta situação de guerrilha é desastroso para a imagem que projectamos nos mercados. E nenhum português desculpará isso a quem for responsável por esse ambiente.

**Focus – O Governo já não tem credibilidade no exterior?**

**A.G.** – Não é o Governo, é o País.

**Focus – Ficou como vereadora na Câmara de Sintra, depois de ter perdido as eleições. Não se arrepende de ter ido à luta?**

**A.G.** – Nada. Continuo como vereadora, embora não executiva, o que me faz fazer bastantes viagens, porque as reuniões camarárias são às quartas-feiras. Mas ganho muito: a proximidade com os munícipes de Sintra, o conhecimento dos problemas do meu concelho, uma percepção dos problemas concretos que os cidadãos do nosso País estão a viver.

**Focus – Admite candidatar-se em 2013, já que o actual presidente não o pode fazer?**

**A.G.** – As principais decisões da minha vida são tomadas na hora. Não tenho nenhum objectivo em mente.

**Focus – Considera que a tentaram "queimar" politicamente por ser uma das poucas vozes incómodas do partido actualmente?**

**A.G.** – Por ser uma voz incómoda, por vezes vejo-me envolvida em polémicas e críticas, mas isso é normal. Não tenho a pretensão de agradar a toda a gente. Sempre fui assim, digo o que penso. Sou mais exigente em relação ao PS e não me tenho dado mal com o sistema, porque as pessoas reconhecem que a minha voz tem alguma utilidade.

**Focus – Nessas mesmas autárquicas, Manuel Alegre aconselhou-a a meditar sobre as duplas candidaturas. Disse publicamente que não lhe reconhecia autoridade moral para o repto. Apoiá Alegre para as presidenciais?**

**A.G.** – Sim, apoiei desde a primeira hora. Faço as críticas quando tenho de fazer e não têm de ser sempre justas. Não retiro o que disse: Alegre teve responsabilidades na derrota de Mário Soares. E por isso mesmo, porque o PS não deve ir dividido nas presidenciais, não hesitei em aparecer a apoiá-lo. Alegre é uma candidatura forte e Portugal precisa de um Presidente com o seu perfil.

**Focus – A união de apoios (PS, BE) não poderá ser prejudicial para Alegre?**

**A.G.** – Não me parece. Compreendo muitos ressentimentos de pessoas do PS em relação ao Bloco de Esquerda, mas num momento de crise deveria haver muito mais convergência entre estes dois partidos do que com outras formações de direito. Na política, podemos ter ideias completamente diferentes, antagonismos pessoais marcados, mas quando estão em causa os interesses do País, democraticamente isso tem de ser posto em segundo plano. ■

CATARINA SOUSA (TEXTO)  
E PAULA ALVENO (FOTOS)

